

*Aladim e  
a lâmpada  
maravilhosa*



*Aladim e  
a lâmpada  
maravilhosa*

*Versão de*

**Antoine Galland**

*Ilustrações:*

*ODILON MORAES*

conforme a nova ortografia da língua portuguesa



Título original: *Histoire d'Aladdin ou La lampe merveilleuse*  
Título da edição brasileira: *Aladim e a lâmpada maravilhosa*

Editor	Fernando Paixão
Editor assistente	Otacílio Nunes
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Preparador de texto	Mário Vilela
Revisora	Luciene Lima

ARTE	
Editor	Marcello Araujo
Ilustrações de capa e internas	Odilon Moraes
Editoração eletrônica	Zin Pan

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
G158a

Galland, Antoine, 1646-1715  
Aladim e a lâmpada maravilhosa / Antoine Galland ; ilustrações Odilon Moraes ; tradução Sergio Flaksman – 1. ed. – São Paulo : Ática, 1997.  
144p. : il. – (Eu Leio)

Tradução de: Histoire d'Aladdin ou La lampe merveilleuse  
Acompanhado de suplemento de leitura  
ISBN 978 85 08 06378-9

1. Novela infantojuvenil francesa. I. Moraes, Odilon, 1966-.  
II. Flaksman, Sergio, 1949-. III. Título. IV. Série.

10-0150. CDD: 028.5  
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 06378-9 (aluno)  
ISBN 978 85 08 06379-6 (professor)

2010  
1ª edição  
5ª impressão  
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 1997  
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP: 02909-900 – São Paulo, SP  
Atendimento ao cliente: 0800-115152 – Fax: (11) 3990-1776  
www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional – atendimento@atica.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



**A** sultana Sheherazade, ao acabar a história de Abu Hassan, prometera ao sultão Shariar contar-lhe no dia seguinte outra história que não o deixaria menos entretido. Dinarzade, irmã da sultana, lembrou-lhe ainda na véspera que precisava cumprir sua palavra e que o sultão lhe dissera estar pronto a ouvi-la. E foi assim que Sheherazade, sem se fazer de rogada, contou-lhe a história seguinte, nestes termos:

Majestade, na capital de um reino da China, muito rico e muito vasto, de cujo nome não me lembro no momento, vivia um alfaiate chamado Mustafá, sem outra distinção que a dada pela prática de seu ofício. Mustafá, o alfaiate, era um homem muito pobre, e seu trabalho mal rendia o suficiente para sustentar a ele, à mulher e a um filho que Deus lhes dera.

Esse filho, que se chamava Aladim, fora criado de maneira muito negligente, o que o fizera desenvolver inclinações viciosas. Era malcriado, teimoso e desobedecia ao pai e à mãe. Assim que cresceu um pouco, seus pais não conseguiam mais segurá-lo em casa; saía sempre de manhã cedo e passava os dias brincando nas ruas e praças públicas com pequenos desocupados que tinham até menos idade que ele.

Tão logo o rapaz chegou à idade de aprender um ofício, seu pai, que não tinha como ensinar-lhe outra profissão que não a sua, empregou-o em sua loja, e começou a ensinar-lhe qual era a maneira certa de manejar a agulha; mas nem com doçura, nem com a ameaça de algum castigo foi possível ao pai dobrar o espírito rebelde do filho; não conseguia obrigá-lo a se controlar e a manter-se assíduo e atento ao trabalho, como desejava. Assim que Mustafá virava as costas, Aladim fugia e passava o dia inteiro sem voltar. O pai o castigava; mas Aladim era incorrigível, e, com grande pesar, Mustafá viu-se obrigado a abandoná-lo à sua vida desregrada. Isto lhe causou muito sofrimento; e a dor de não conseguir convencer o filho a cumprir seu dever lhe causou uma doença tão pertinaz que acabou morrendo ao fim de poucos meses.

A mãe de Aladim, ao ver que o filho não se dispunha a aprender o ofício do pai, fechou a loja e vendeu todos os utensílios da profissão, para ajudá-los a sobreviver, ela e o filho, com o pouco que conseguia ganhar fiando algodão.

Aladim, que não tinha mais o medo do pai para contê-lo, e que respeitava tão pouco a mãe que se atrevia a responder com ameaças às menores queixas que ela fazia, entregou-se então à vagabundagem mais completa. Estava sempre misturado com os meninos de sua idade, brincando sem parar, com mais paixão ainda do que antes. E assim foi vivendo até a idade de quinze anos, sem disposição para coisa nenhuma e sem jamais pensar no futuro. E era essa a situação no dia em que, quando brincava no meio de uma praça com um bando de meninos vagabundos, como era de seu costume, um estranho que por lá passava parou e ficou olhando fixamente para ele.

Esse estranho era um famoso feiticeiro que os autores que escreveram esta história nos apresentam sob o nome de mago africano — e é assim que o chamaremos, especialmente porque ele realmente vinha da África e só chegara àquela cidade dois dias antes.

Não se sabe se o mago africano, entendido em fisionomia, percebeu no rosto de Aladim o necessário para a execução do plano que era o motivo da sua viagem, ou se antes procurara informar-se com os membros da família do rapaz para ficar sabendo como ele



era, e qual a natureza de suas inclinações. Fosse como fosse, depois de reunir as informações que queria, abordou o rapaz e, fazendo-o afastar-se alguns passos de seus amigos, perguntou a ele: “Meu filho, teu pai não se chama Mustafá, o alfaiate?”

“Sim, senhor”, respondeu Aladim; “mas já faz tempo que ele morreu”. Ao ouvir essas palavras, o mago africano puxou Aladim pelo pescoço, abraçou-o e o beijou várias vezes, com muitos suspiros e os olhos cheios de lágrimas. Aladim, que percebeu a emoção do outro, perguntou-lhe por que motivo chorava.

“Ah, meu filho”, exclamou o mago africano, “como poderia conter as lágrimas? Eu sou teu tio; teu pai era meu irmão. Faz vários anos que estou viajando e, assim que chego de volta aqui na esperança de revê-lo e dar a ele a alegria da minha chegada, tu me dizes que ele morreu. Podes acreditar que é uma dor aguda para mim deixar de encontrar à minha espera o consolo com que eu tanto contava. A única coisa que ainda alivia um pouco o meu sofrimento é que, até onde me lembro, estou reconhecendo os traços dele no teu rosto, e vejo que não me enganei ao decidir falar contigo”. E em seguida perguntou a Aladim, enfiando a mão na bolsa, onde morava sua mãe. Depois que Aladim respondeu, o mago africano entregou-lhe um punhado de moedas de pouco valor, dizendo: “Meu filho, vai procurar a tua mãe, transmite a ela meus cumprimentos e diz que irei visitá-la amanhã, se o tempo me permitir, para ter o consolo de ver o lugar onde meu bom irmão viveu tantos anos e acabou terminando os seus dias”.

Assim que o mago africano se despediu daquele sobrinho que acabara de arranjar, Aladim foi correndo ao encontro de sua mãe, feliz com o dinheiro que o tio lhe dera. “Minha mãe”, disse-lhe ele ao chegar, “peço-te que me digas por favor se eu tenho tio”.

“Não, meu filho”, respondeu a mãe, “não tens nenhum tio por parte do teu falecido pai, nem do meu lado”.

“Mas acabei de encontrar um homem”, insistiu Aladim, “que se diz meu tio por parte do meu pai, pois era irmão dele, segundo me garantiu; até começou a chorar e a me abraçar quando eu lhe contei que meu pai tinha morrido. E, para provar que estou falando a verdade”, acrescentou, mostrando as moedas que



tinha recebido, “eis aqui o que ele me deu. E também me pediu para transmitir seus cumprimentos e te dizer que amanhã, se tiver tempo, pretende vir visitar-te, para ver a casa onde meu pai vivia e acabou morrendo”.

“Meu filho”, respondeu a mãe, “é verdade que teu pai tinha um irmão; mas ele morreu há muito tempo, e teu pai nunca me disse que tinha outro”. E mais não conversaram sobre o mago africano.

No dia seguinte, o mago africano abordou Aladim pela segunda vez, quando ele brincava em outro ponto da cidade com outros meninos. Tornou a abraçar o rapaz, como na véspera e, enfiando-lhe na mão duas moedas de ouro, disse a ele: “Meu filho, leva estas moedas para a tua mãe e diz a ela que irei visitá-la hoje à noite, e que ela compre o necessário para podermos jantar juntos; mas antes me ensina onde fica a tua casa”. Aladim ensinou o caminho, e o mago africano deixou-o ir embora.

Aladim levou as duas moedas de ouro para a sua mãe, e, assim que lhe contou quais eram os planos do tio, ela saiu para empregar o dinheiro, voltando para casa com ótimas provisões; e, como já tinha perdido boa parte da louça e dos talheres de que precisaria, foi pedir tudo emprestado aos vizinhos. Passou o dia inteiro preparando o jantar e ao anoitecer, quando tudo ficou pronto, disse a Aladim: “Meu filho, teu tio talvez não saiba onde fica a nossa casa; vai procurá-lo e trazê-lo até aqui, se conseguires encontrá-lo”.

Embora Aladim tivesse ensinado ao mago africano onde ficava sua casa, já estava pronto para sair quando ele e a mãe ouviram alguém bater à porta. Aladim abriu e reconheceu o mago africano, que entrou carregado de garrafas de vinho e várias espécies de frutas que trazia para o jantar.

Depois de entregar tudo que trouxera a Aladim, o mago africano cumprimentou a mãe do rapaz e pediu-lhe que indicasse o lugar onde seu irmão Mustafá costumava sentar-se no sofá. Ela mostrou onde era; e na mesma hora ele caiu de joelhos, beijando várias vezes aquele lugar e exclamando, com lágrimas nos olhos: “Meu pobre irmão, como estou infeliz por não ter chegado a tempo

de te abraçar mais uma vez, antes da tua morte!”. A mãe de Aladim insistiu muito, mas o visitante não aceitou sentar-se no mesmo lugar. “Não”, disse ele, “de maneira alguma; mas espero que permitas que me instale aqui bem em frente para que, mesmo privado da satisfação de ver meu irmão em pessoa, na condição de pai de uma família que me é tão importante, pelo menos eu possa ficar olhando para este lugar como se ele estivesse presente”. A mãe de Aladim não insistiu mais, e deixou o mago à vontade para escolher o lugar que quisesse.

Quando o mago africano se instalou no lugar que lhe pareceu melhor, começou a conversar com a mãe de Aladim. “Minha irmã”, disse ele, “não te admires de não me teres visto no período em que estiveste casada com meu irmão Mustafá, de feliz memória; faz quarenta anos que fui embora desta cidade, onde também nasci, tal como meu irmão. Desde então, viajei pelas Índias, pela Pérsia, pela Arábia, pela Síria e pelo Egito, e morei nas mais belas cidades de todos esses países. Depois segui para a África, onde passei um tempo mais longo. No final — pois ocorre naturalmente a qualquer pessoa, por mais longe que esteja de seu país de origem, jamais esquecer a terra natal, seus pais e aqueles com quem foi criado — fui tomado por um desejo tão intenso de tornar a ver meu país e vir abraçar meu querido irmão, enquanto ainda tinha forças e coragem para empreender viagem tão longa, que não tardei em fazer meus preparativos e pôr-me a caminho. Não vou falar de quanto tempo levei, de todos os obstáculos que encontrei e de todas as fadigas que precisei enfrentar para chegar até aqui; direi apenas que nada me causou sofrimento e aflição maiores, em todas as minhas viagens, do que receber a notícia da morte de um irmão que sempre amei, com um carinho realmente fraterno. Reconheci os traços de sua fisionomia no rosto do meu sobrinho, filho dele, e foi isso que me permitiu distingui-lo no meio de todos os meninos com quem estava. Ele deve ter-te contado qual foi minha reação à triste notícia de que meu irmão não se encontrava mais neste mundo; mas devemos louvar a Deus por todas as coisas. O meu consolo é ter podido reencontrar meu irmão num filho que conserva seus traços mais notáveis”.

O mago africano, ao perceber que a mãe de Aladim ficava comovida com as lembranças do marido, renovando a sua dor, preferiu mudar de assunto e, virando-se para Aladim, perguntou ao rapaz qual era o seu nome: “Eu me chamo Aladim”, respondeu ele. “Pois muito bem, Aladim”, tornou o mago, “o que é que fazes? Conheces algum ofício?”

A essa pergunta, Aladim baixou os olhos e ficou desconcertado; mas sua mãe tomou a palavra: “Aladim”, disse ela, “não faz nada. O pai dele se esforçou o mais que podia, enquanto era vivo, para ensinar-lhe o ofício de alfaiate, mas não teve sucesso; e depois que o pai morreu, apesar de tudo que eu digo e sempre repito, ele passa os dias vagando pelas ruas e brincando o tempo todo com os outros meninos, como o senhor viu, esquecido de que não é mais criança; e, se o senhor não conseguir fazer este rapaz envergonhar-se disso e mudar de vida, estou convencida de que ele nunca chegará a ter valor algum. Ele sabe que o pai não nos deixou nada, e pode ver claramente que, mesmo passando o dia inteiro a fiar algodão, mal consigo ganhar o suficiente para comprar pão que dê para nós dois. Por mim, estou decidida a fechar a porta de casa para ele um desses dias, e mandá-lo sair à procura de outro lugar para morar”.

Assim que a mãe de Aladim acabou de dizer essas palavras, desfazendo-se em lágrimas, o mago africano disse a Aladim: “Não está direito, meu sobrinho, precisas cuidar de ajudar-te a ti próprio e de ganhar a vida. Existem profissões de todos os tipos; alguma hás de encontrar para a qual sintas maior inclinação. Talvez não gostes do ofício do teu pai, e prefiras um outro — não me escondas nada, só estou querendo ajudar-te”. E, vendo que Aladim não dizia nada, prosseguiu: “Se te repugna a ideia de aprender um ofício, mas ainda assim queres ter uma vida de homem honesto, posso montar para ti uma loja repleta de ricos tecidos e finíssimos brocados; tu cuidarás de vender tudo e, com o dinheiro que ganhares, comprar mais mercadorias, e poderás dessa maneira construir uma vida honrada. Consulta tua consciência e me diz com toda a franqueza o que pensas; hás de me encontrar sempre disposto a cumprir minha promessa”.

Essa oferta agradou muito a Aladim, que tinha verdadeiro horror ao trabalho manual e, além disso, já possuía consciência bas-

tante para saber que as lojas que vendiam esse tipo de mercadoria eram limpas e bem frequentadas, e que seus donos se vestiam com esmero e gozavam da boa consideração de todos. Disse então ao mago africano (a quem julgava ser seu tio) que preferia esse tipo de atividade a qualquer outro, e que ficaria grato para sempre se ele lhe fizesse aquele favor. “Já que essa profissão te agrada”, retomou o mago africano, “amanhã vou levar-te comigo e comprar-te roupas apropriadas e ricas, dignas de um dos maiores mercadores desta cidade; e depois de amanhã vamos cuidar de abrir para ti uma loja como a meu ver te convém”.

A mãe de Aladim, que até então ainda não acreditava que o mago africano fosse irmão de seu marido, parou de duvidar depois de toda a ajuda que ele prometeu a seu filho. Agradeceu muito as boas intenções dele e, depois de recomendar a Aladim que procurasse mostrar-se digno de todas as dádivas com que o tio lhe acenava, serviu o jantar. A conversa girou em torno do mesmo assunto durante toda a refeição, até o momento em que o mago, vendo que a noite já ia avançada, despediu-se de mãe e filho e se retirou.

Na manhã do dia seguinte, o mago africano não deixou de voltar à casa da viúva de Mustafá, o alfaiate, tal como prometera. Pegou Aladim e foi com ele até a loja de um grande mercador que só vendia roupas feitas, produzidas com os mais belos tecidos para todas as idades e condições. Pediu que lhe mostrassem roupas à altura da grandeza de Aladim e, depois de separar as que mais lhe agradavam e rejeitar as que não tinham a beleza que julgava necessária, disse a Aladim: “Meu sobrinho, escolhe entre todos estes trajes o que mais aprecias”. Aladim, encantado com a generosidade de seu novo tio, escolheu um dos trajes e o mago o comprou, com todos os acessórios para acompanhá-lo, pagando por tudo sem regatear.

Quando Aladim se viu assim magnificamente trajado da cabeça aos pés, agradeceu ao tio de todas as maneiras imagináveis, ao que o mago ainda prometeu que estava decidido a jamais abandoná-lo, mantendo-o sempre sob sua proteção. De fato, levou-o aos lugares mais frequentados da cidade, especialmente àqueles onde ficavam as lojas dos mercadores mais ricos; e, quando chegaram à rua das lojas que vendiam os brocados mais ricos e os mais finos

tecidos, disse a Aladim: “Já que dentro em breve serás um comerciante como esses aqui, precisas frequentar as lojas deles, para que te conheçam”. Mostrou-lhe também as mais belas e maiores mesquitas da cidade, e levou-o aos caravançarás ou *khans* onde os mercadores estrangeiros se hospedavam com suas caravanas, além de conduzi-lo a todas as partes do palácio do sultão a que todos tinham acesso. Finalmente, depois de percorrerem juntos todos os pontos mais interessantes da cidade, chegaram ao *khan* onde o mago se hospedara num apartamento. Havia lá alguns mercadores com quem ele travara conhecimento depois de sua chegada, e que cuidou de reunir expressamente a fim de oferecer-lhes um banquete e apresentar-lhes seu pretense sobrinho.

O festim só acabou à noite. Aladim quis despedir-se do tio e voltar para casa; mas o mago africano não quis deixá-lo voltar sozinho e acompanhou-o até a casa de sua mãe. Quando ela viu o filho chegar tão bem-vestido, ficou extasiada de alegria e cobriu o mago de mil bênçãos, pela despesa considerável que fizera com seu filho. “Parente generoso”, disse ela, “não sei como agradecer tua largueza. Sei que meu filho não merece o bem que lhe fazes, e que será indigno de teus favores se não se mostrar reconhecido e não corresponder às boas intenções que tens de montar para ele uma loja tão elegante. Em meu nome”, acrescentou ela, “quero agradecer-te mais uma vez do fundo do coração, e te desejo uma vida longa o bastante para que possas desfrutar da gratidão de meu filho, que não terá modo melhor de manifestá-la do que seguindo à risca teus bons conselhos”.

“Aladim”, respondeu o mago africano, “é um bom rapaz; sei que ele me escuta, e acho que havemos de fazer dele um homem de bem. A única coisa que me aborrece é não poder cumprir amanhã mesmo o que lhe prometi. É sexta-feira, as lojas estarão fechadas e não haverá meio de alugar uma delas e comprar as mercadorias para estocá-la no dia em que os outros comerciantes só estarão pensando em se divertir. Assim, só vamos começar no sábado; mas mesmo assim eu virei pegá-lo e levá-lo a um passeio pelos jardins onde as pessoas mais prósperas têm o costume de se encontrar. Acho que ele ainda não viu de que forma elas se divertem ali. Até hoje, só convi-

